

# O pior caminho para o superávit

**S**uperávit comercial continua a constar de todas as previsões para 1999. Mas a conta do ano permanece em vermelho, embora o câmbio tenha mudado em janeiro. Em abril, até dia 13, o resultado positivo estava em US\$ 109 milhões, segundo estimativa extra-oficial conhecida no mercado financeiro. Se esse, por hipótese, for o saldo final do mês, haverá um déficit de US\$ 411 milhões acumulado em 1999. Os mais otimistas têm um argumento incontestável: a conta de comércio começou a mudar em fevereiro. Outros, porém, podem acrescentar: a mudança tem resultado principalmente da redução de importações.

A Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funce) projeta para 1999 um superávit comercial de US\$ 5,4 bilhões. As exportações deverão, de acordo com esses cálculos, crescer 6,5% e chegar a US\$ 54,4 bilhões. O gasto com produtos importados deverá diminuir cerca de 15% e ficar em US\$ 49 bilhões ou pouco abaixo. Com algum aumento dos embarques, o desempenho dos exportadores tenderá, portanto, a ser melhor que no ano passado e nos primeiros meses de 1999. Mas o resultado geral, como ocorreu até agora, será determinado

principalmente pela diminuição das compras. Essa diminuição dependerá do encarecimento dos produtos estrangeiros, por causa do câmbio, e da redução do poder de compra das famílias.

Em abril, o movimento diário de exportações, até dia 13, ficou em US\$ 195 milhões, segundo os dados disponíveis até o fim da semana. Mantida essa média, o valor mensal chegará a US\$ 3,7 bilhões, 13,2% inferior ao de um ano antes. Se a média diária das importações se confirmar, o total de abril será US\$ 3,4 bilhões. O superávit mensal será maior que o dos meses anteriores, mas o fator mais importante será a diminuição do gasto – em torno de 16%.

Como as demissões prosseguem, a tendência de redução das importações é facilmente comprehensível. No primeiro bimestre, as compras de produtos estrangeiros custaram 19,1% menos que em janeiro e fevereiro do ano passado. Houve diminuição de 46,3% nas compras de bens de consumo duráveis e de 13,2% nas despesas com não duráveis. O baixo nível de atividade refletiu-se nas importações de bens intermediários, com redução de 16,6%. Todos esses fatores, somados a preços ainda em bai-

xa, determinaram o dispêndio 42,9% menor com os combustíveis importados. Também os programas de investimento foram afetados pela mudança cambial e pela crise, mas em menor grau que o consumo. A despesa com bens de capital foi, em janeiro e fevereiro, 8,2% inferior à de um ano antes.

Depender de importações menores é a pior maneira de consertar as contas externas. Isso se consegue, em geral, com a degra-

dação do padrão de vida de milhões de pessoas. A melhora do saldo comercial surge como consequência da estagnação econômica, do corte de empregos e da baixa do poder de compra da maior parte da população. No caso brasileiro, é preciso, ainda, levar em conta um fator de segurança. No ano passado, assim como no primeiro bimestre deste ano, a economia nas compras de petróleo e derivados dependeu da redução dos preços internacionais. Neste primeiro bimestre, o preço dos combustíveis ainda foi 32,3% menor que em janeiro e fevereiro de 1998. Não se pode esperar, neste ano, a repetição desse dado.

## Depender de importações menores é a pior maneira de consertar as contas externas

Por todos esses fatores, é de extrema relevância aumentar exportações com a máxima rapidez. Alguns segmentos da indústria têm conseguido ampliar os embarques desde o início do ano. Outros permanecem à espera de financiamentos. Outros, ainda, têm conseguido exportar mais e elevar seu faturamento em moeda nacional, mas ao custo de conceder grandes descontos em dólares. Muitos, ainda, mostram preocupação diante da pers-

pectiva de trabalhar com o dólar abaixo de R\$ 1,70 – como se, mesmo com R\$ 1,50, nenhum ganho houvesse em relação ao câmbio do ano passado.

O crédito começou a reaparecer, mas em volume insuficiente para restabelecer as condições de 1998. Ficar à espera de uma situação melhor será a pior política. Essa atitude teria algum sentido se o governo houvesse tentado, sem êxito, soluções alternativas, com os meios disponíveis, para fortalecer as exportações. Não houve nenhum esforço desse tipo, nem se notou a menor tentativa de executar uma política de mobilização de exportadores.